

REFLEXÕES SOBRE O TEXTO E A ESCRITA NA *WEB* SOB O PRISMA DA *ÉNONCIATION ÉDITORIALE*

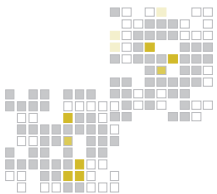
REFLECTIONS ON THE TEXT AND WRITING ON WEB UNDER THE
PERSPECTIVE OF *THE EDITORIAL ENUNCIATION*

REFLEXIONES SOBRE EL TEXTO Y LA ESCRITA EN LA WEB BAJO
LA ÓPTICA DE LA ENUNCIACIÓN EDITORIAL

Larissa Conceição dos Santos

■ Doutora em Sciences de l'Information et de la Communication (CELSA/ Université Paris-Sorbonne) e em Ciência da Comunicação (ECA-USP). Docente na Universidade Federal do Pampa. Seus trabalhos mais importantes são: *Memória e história narrativizadas* (2020), *Comunicação em cont3xto de pesquisa* (2019), *Narrativa e comunicação organizacional* (2017).

■ E-mail: larissa.conceicaos@gmail.com



RESUMO

A partir da ótica comunicacional explora-se a noção de texto e os fenômenos de leitura, apreensão e circulação textual que emergem a partir das mutações da escrita, especialmente no cenário digital, apresentando como perspectiva teórica e analítica a abordagem francesa da *enónciation éditoriale*. O ensaio, de natureza exploratória, com caráter teórico e reflexivo, analisa o texto considerando não apenas seus aspectos linguísticos e interpretativos, mas também o suporte que limita, sustenta e prescreve certas modalidades de leitura. Observa-se o surgimento de novas lógicas textuais, que decorrem das práticas sociais da cultura digital e encontram na teoria da enunciação editorial uma abordagem fecunda para a sua análise.

PALAVRAS-CHAVE: TEXTO; DIGITAL; ESCRITA; ENUNCIÇÃO EDITORIAL.

ABSTRACT

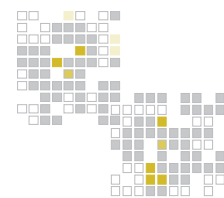
From the communicational point of view, the notion of text and the phenomena of reading, apprehension and textual circulation that emerge from the mutations of writing are explored, especially in the digital scenario, presenting the French approach to *enónciation éditoriale* as a theoretical and analytical perspective. The essay, exploratory in nature, with a theoretical and reflective character, analyzes the text considering not only its linguistic and interpretive aspects, but also the support that limits, sustains and prescribes certain types of reading. There is the emergence of new textual logics, which stem from the social practices of digital culture and find in the theory of editorial enunciation a fruitful approach to its analysis.

KEY WORDS: TEXT; DIGITAL; WRITING; EDITORIAL ENUNCIATION.

RESUMEN

Desde el punto de vista comunicacional, se explora la noción de texto y los fenómenos de lectura, aprehensión y circulación textual que surgen de las mutaciones de la escritura, especialmente en el escenario digital, presentando el enfoque francés de la *enónciation éditoriale* como una perspectiva teórica y analítica. El ensayo, de carácter exploratorio, teórico y reflexivo, analiza el texto considerando no solo sus aspectos lingüísticos e interpretativos, sino también el soporte que limita, sostiene y prescribe ciertos tipos de lectura. Se observan nuevas lógicas textuales, que parten de las prácticas sociales de la cultura digital y encuentran en la teoría de la enunciación editorial un fructífero acercamiento a su análisis.

PALABRAS CLAVE: TEXTO; DIGITAL; ESCRITA; ENUNCIACIÓN EDITORIAL.



1. Introdução

O texto pode ser definido como “um discurso fixado pela escrita” (Ricœur, 1986, p.137). Na visão hermenêutica, especialmente para Hans-Georg Gadamer e Paul Ricœur, o ser humano estaria imerso em processos de compreensão: de si, do mundo, do outro, que podem se configurar e se reconfigurar através de textos, por meio de narrativas. Texto, nesta perspectiva, é o discurso que se materializa e nesta materialização ele se desconecta momentaneamente da voz do autor e ganha voz própria. Uma voz que ecoa nos ouvidos daquele que lê e se conecta aos sentidos que este atribui ao texto, a partir de seus repertórios pessoais.

Há na hermenêutica ricoueriana um elemento fundamental que reconhece a dinâmica comunicativa e *langagière* intrínseca ao funcionamento dos textos: o processo interpretativo frente aos textos é essencialmente um trabalho de linguagem. Diante do texto temos dois caminhos, nos diz Ricœur (1986): ou abstrair o exterior e entrar no texto, como se este estivesse desconectado da realidade, não possuísse mundo (análise estrutural), ou interpreta-lo entrando no mundo do texto, usando para isso referências externas para a construção de sentidos, conexões e percepções do contexto que circunscreve o escrito.

Semelhante reflexão, numa perspectiva linguística e interpretativa é delineado por Roland Barthes. Para o autor o texto pode ser considerado como “um fragmento de linguagem situado ele mesmo em uma perspectiva de linguagem” (Barthes, 1974, p.3). Na ótica barthesiana texto é uma “produtividade”, isto é, está constantemente em produção, trabalha a língua sem cessar, em um processo no qual participam o autor (produtor do texto) e o leitor. O estabelecimento da produtividade se processa no jogo comunicacional estabelecido entre estes dois participantes: o autor, de seu lado, joga com a construção textual, enquanto o leitor joga com o repertório que possui para interpretar o texto.

Para além dos aspectos linguísticos observados

por Roland Barthes e Paul Ricœur, que interferem/participam no processo de interpretação textual, é necessário considerar também uma dimensão técnica, relacionada a materialidade do texto, aos elementos que condicionam sua existência, suportam sua produtividade e imprimem marcas na escrita que podem, consequentemente, instituir certos modos de apropriação.

Neste ensaio, busca-se refletir sobre o texto e os fenômenos de leitura, apreensão e circulação textual que emergem a partir das mutações da escrita e que podem ser investigados pela ótica da teoria francesa da *énonciation éditoriale* (Souchier, 1998), considerando não apenas o texto e seu contexto interpretativo, mas também o suporte que limita, sustenta e prescreve certas modalidades de leitura. Adicionalmente, problematiza-se a questão do texto no ciberespaço, suas condições de existência – materialidade /virtualidade – e consequentemente, as lógicas de apropriação que decorrem da ambiência digital (Jeanneret; Souchier, 2005).

Para tal, realiza-se uma pesquisa de natureza exploratória, com caráter teórico e reflexivo, apoiado em pesquisa bibliográfica cuja finalidade é analisar o texto pela ótica comunicacional, apresentando e destacando como perspectivas teóricas os estudos desenvolvidos pelos Professores Yves Jeanneret, Emmanuël Souchier, Joëlle Le Marec do Laboratoire GRIPIC¹ (CELSA, Paris-Sorbonne), entre outros investigadores franceses que têm se dedicado observar a evolução dos processos de produção, difusão e apropriação textual como fenômenos de uma cultura midiática sustentada por lógicas prescritivas que têm na “enunciação editorial”, ao mesmo tempo, uma teoria, assim como, uma metodologia analítica.

2. Os fundamentos da teoria da *énonciation éditoriale*

¹ Groupe de recherches interdisciplinaires sur les processus d'information et de communication do CELSA - Ecole des Hautes Études en Sciences de l'Information et de la Communication na Université Paris-Sorbonne (Paris IV).



A perspectiva francesa da *énonciation éditoriale*, ou enunciação editorial em português, começa a ser delineada por Emmanuël Souchier na década de 90, cujos aspectos fundamentais já aparecem em suas reflexões seminais sobre os *écrits d'écran* (Souchier, 1996) onde o autor reflete sobre os aspectos particulares da escrita digital, ou, mais particularmente, da dinâmica pelo qual o texto é submetido no espaço digital e a partir das plataformas e *softwares* que condicionam sua existência. Nesta perspectiva, publica em 1998 o trabalho “L’image du texte pour une théorie de l’énonciation éditoriale” que se torna referência para a disseminação de sua teoria, observando as estratégias de formatação, estruturação e suporte que permitem a visualização e leitura de um texto, entendendo que “le texte ainsi considéré présente une résistance physique, matérielle, une présence sociale et idéologique qui s’expriment à travers l’histoire et la culture. C’est toute cette épaisseur de l’écrit que convoque la notion d’énonciation éditoriale”² (Souchier, 1998, p.138).

Nessa perspectiva, subentende-se a existência de um suporte material por meio do qual o texto se torna acessível ao leitor e, a partir disso, podem ser analisadas as modalidades de escrita, as escolhas gráficas e editoriais que operam na formação da imagem do texto (Souchier, 1998). Uma das principais qualidades do suporte “est de se laisser saisir comme le signe d’un statut du texte, ancré dans des représentations qui sont culturellement partagées”³ (Despres-Lonnet; Cotte, 2007, p. 112).

O meio, o suporte pelo qual a escrita se materializa e dá lugar ao texto, opera um processo de mediação entre a figura do escritor - enquanto sujeito que redige a obra - e aquela do autor -imagem do sujeito que assina a publicação-

2 Em livre tradução: “O texto considerado dessa forma apresenta uma resistência física, material, uma presença social e ideológica que se expressa através da história e da cultura. É toda essa densidade da escrita que a noção de enunciação editorial convoca”.

3 Em livre tradução: “é dar-se a entender como o signo de um estado do texto, ancorado em representações culturalmente compartilhadas”.

(Jeanneret; Souchier, 2005). Considerando tais aspectos, a abordagem da enunciação editorial lança luz sobre processo enunciativo que suporta a escrita e permite a existência do texto materializado, ou, como adverte Souchier (1998, p.139):

*Il convient donc de considérer le texte à travers sa matérialité (couverture, format, papier...), sa mise en page, sa typographie ou son illustration, ses marques éditoriales variées (auteur, titre ou éditeur), sans parler des marques légales et marchandes (ISBN, prix ou copyright)..., bref à travers tous ces éléments observables qui, non contents d’accompagner le texte, le font exister. Ces marques visuelles qui permettent de décrire l’ouvrage ont été mises en œuvre par les acteurs de l’édition. Élaborées par des générations de praticiens dont le métier consistait à « donner à lire », elles sont la trace historique de pratiques, règles et coutumes.*⁴

A enunciação editorial consiste, portanto, em um processo coletivo, que guarda em si as marcas dessa polifonia, os traços indicativos das estratégias por trás da escrita textual, denunciando as intenções e ideologias enunciativas impregnadas no suporte material.

Para Souchier (1998), tais traços integram e moldam a identidade do texto, influenciando ou mesmo determinando sua condição de recepção. Isto é, as escolhas gráfico-editoriais podem também prescrever uma forma de leitura, induzir ou conduzir o leitor a um modo de apreensão particular. A escrita através das linhas horizontais e a delimitação das páginas prescrevem um quadro de leitura próprio e que tem suas origens em

4 Em livre tradução: “Portanto, é aconselhável considerar o texto através de sua materialidade (capa, formato, papel ...), paginação, tipografia ou sua ilustração, suas marcas editoriais variadas (autor, título ou editor), sem falar das marcas legais e de mercado (ISBN, preço ou direito autoral)..., enfim, através de todos esses elementos observáveis que, não contentes de acompanhar o texto, o fazem existir. Essas marcas visuais que permitem a descrição da obra foram implementadas pelos atores editoriais. Desenvolvidos por gerações de praticantes cuja profissão consistia em “dar para ler”, eles são o traço histórico de práticas, regras e costumes.”

práticas ancestrais (Goody, 1979) que evoluem ao longo dos anos. Da mesma forma, o uso de recursos tipográficos, como o negrito ou itálico, sinalizam ou ressaltam certos elementos textuais que o enunciador deseja colocar em evidência.

Os traços revelados pela enunciação editorial são marcas constituintes do texto em si, enquanto objeto materialmente composto. Para Després-Lonnet e Cotte (2007), a escolha do papel, da fonte, das ilustrações na capa de um livro traduz os elementos que permitem conceber o texto e dizer qualquer coisa a seu respeito, antes mesmo que ele seja expresso linguisticamente.

As premissas são válidas também para a análise dos textos ditos virtuais, considerando as mídias digitais como dispositivos técnicos de comunicação apoiados na relação entre escrita e leitura (Jeanneret; Souchier, 2005). No caso do texto virtual/digital, há uma mudança no regime de materialidade (Jeanneret; Souchier, 2005), isto é, uma transformação e alteração no suporte material que permite a existência e visibilidade do texto no ambiente virtual, mas também uma mudança no modo de apreensão do texto, que diz respeito, tanto ao gestual-corporal, ao sinestésico, quanto às práticas associadas à leitura face à tela do computador (Tardy; Jeanneret, 2007).

3. O texto na esfera digital: materialidade, virtualidade ou trivialidade?

O ambiente digital ou virtual pode ser considerado como um espaço “desterritorializado”, muitas vezes associado à não-presença, ao irreal ou à intangibilidade (Godoy, 2002). Apresenta-se como um domínio de troca de informações através de redes e interconexões possibilitadas pelo avanço das tecnologias de informação e de comunicação, como a eletrônica, o eletromagnetismo, entre outras. No intuito de conectar diferentes suportes e aparatos tecnológicos surge a chamada “internet” que torna-se a maior rede de computadores do mundo.

A internet é aqui compreendida como um “méta-médium”, englobando muitas outras mídias e

sobre elas produzindo discursos (Pignier, 2010, p.7). O “médium” é, nesse caso, entendido como um suporte material de textos, assim como um quadro de enunciação e co-enunciação, onde as interfaces gráficas dos *sites web* possibilitam ao leitor (co-enunciador) uma experiência de conteúdo a partir da interação com este “quadro de enunciação” (Pignier, 2010, p.8).

Observa-se, nesse espaço a mutação de objetos a fim de adaptar-se aos novos formatos e as lógicas de circulação vigentes na esfera digital, como, por exemplo, o fenômeno da virtualização, um processo de transformação de objetos reais/tangíveis em (novos)objetos digitais. O objeto então criado, virtualmente, não constitui apenas uma imagem ou reflexo daquele material. Trata-se de um elemento novo, de um ser cultural⁵ (Jeanneret, 2008) que se origina a partir das práticas sociais da então chamada cultura digital (Davallon, 2012).

O internauta pode evoluir de um estado de leitura para uma dimensão de apropriação, reescrita e difusão da informação, a partir do momento em que, após acessar um *site web*, utiliza o conteúdo nele veiculado, o reformula dando-lhe um novo acesso através de um “atalho” em outra página web (ou via documento eletrônico, blog, rede social, etc.) comenta, partilha um *link*, colocando-o em circulação novamente. Através da *trivialidade*⁶ operada na *web*, os textos são re-apropriados, ressignificados à luz dos interesses dos leitores/visitantes da web e colocados em circulação fazendo emergir novos objetos culturais.

O texto ao ser digitalizado não perde a sua materialidade. O suporte é alterado e seu horizonte de abrangência ampliado ao horizonte da *world wide web*, o que permite a sua salvaguarda e sua

5 Yves Jeanneret denomina de *êtres culturels* (seres culturais) os objetos que se tornam culturais, produtos das práticas sociais que formam a cultura, graças a circulação, apropriação e transformação que as enriquece.

6 O termo *trivialidade* (*trivialité*) representa, segundo Jeanneret (2008, p.14) “la circulation des idées et des objets comme une sorte de cheminement des êtres culturels à travers les carrefours de la vie sociale”.



recuperação, mas não garante a conservação dos formatos originais, nem os exime de alterações, uma vez que, no espaço virtual as informações tendem a ser selecionadas pelos leitores e reinterpretadas de acordo com as percepções pessoais mas também sendo influenciadas pelos julgamentos e críticas que circulam na esfera digital.

Igualmente, a maneira como as mensagens, os textos, e mesmo os sites eletrônicos são alterados ou reapropriados pelos usuários, como, por exemplo através dos sites mediadores (Davallon *et al.*, 2003), afeta, e por vezes condiciona a circulação e apreensão dos textos na esfera digital. Entende-se aqui como sites mediadores aqueles que têm por finalidade reenviar o usuário a outro site, funcionando como uma espécie de lugar de passagem, de ponto ao acesso de certos documentos contidos em um site específico (indicado pelo site mediador). Segundo Davallon *et al.* (2003, p.53) “une des fonctions essentielles du site médiateur est de faire circuler l’usager sur le réseau en le mettant en relation avec d’autres sites”⁷.

Para os autores, a maneira como o usuário vai apreender, ou utilizar o conteúdo do site final pode ser afetada pelas opiniões, valores, sugestões apresentadas no site mediador, pois este último apresenta, de certa forma, uma representação, uma imagem do que o leitor poderá encontrar no site final (e até mesmo o que poderá fazer com essa informação). Isso pode ser chamado de efeito de “ponto de vista” do criador do site mediador, que a partir dos seus comentários a respeito do site final (que está sendo indicado), acaba adotando uma posição meta-comunicacional, pois “en tant qu’objet communicationnel tout site, quel qu’il soit, anticipe, au moins au minimum, l’usage qu’il suscitera”⁸ (Davallon *et al.*, 2003, p. 54).

E possível observar como o usuário pode estar

presente no objeto midiático, ou como as práticas de uso pessoal podem afetar e moldar o objeto técnico e semiótico, transformando-o em um operador comunicacional. Para Bonaccorsi (2013), as mudanças decorridas ao longo da história da escrita, até a chegada do texto virtual estão intimamente relacionadas às mudanças sociais e culturais, mas também às práticas e formas simbólicas que circulam na nossa sociedade.

O virtual altera a nossa forma agir, ou de interagir com relação à escrita, não apenas lemos ou escrevemos diferentemente por meio dos suportes digitais, mas também mudamos nossas práticas de apreensão, de reescrita a partir de textos agora facilmente “modeláveis”, podendo ser alterados, ressignificados, e colocados novamente em circulação, com uma velocidade que jamais seria alcançada pela escrita impressa. Consequentemente, o chamado ciberespaço “além de tornar-se inevitável suporte de memória da humanidade de agora em diante, será também condutor de virtualidades” (Godoy, 2002, p.47-48).

Para Bonaccorsi (2013) é preciso definir o que se entende por texto, estabelecer um quadro de leitura e de interpretação através do qual o internauta busca apreendê-lo. Tais limites podem ser de ordem material - forma do texto, a margem, a página - ou ainda de ordem intelectual, relativas a linha editorial, ao gênero, a estética. Nesse sentido, ela identifica diferentes dimensões do texto e seus respectivos quadros: um primeiro enquadramento *físico*, referente a borda da tela, outro *icônico* relativo às janelas das páginas *web* (especificidades do navegador) e um quadro *editorial* (arquitetura e edição do texto) do próprio documento exibido (Bonaccorsi, 2013, p.128).

Uma análise da página web pode indicar as escolhas de seu produtor, em termos de estratégias de visibilidade e acesso, mas também delimitar ou buscar influenciar a forma pelo qual os leitores irão ler e interagir com o mesmo (formatos textuais, formatos documentais protegidos, acesso via hiperlinks, etc.). Nessa abordagem, o *hipertexto* pode ser entendido como um signo

7 Em livre tradução : “uma das funções essenciais do site mediador é fazer o usuário circular na rede, colocando-o em contato com outros sites”.

8 Em livre tradução : “enquanto objeto comunicacional, qualquer site, seja ele qual for, antecipa, pelo menos minimamente, o uso que ele gerará”.

que constitui o texto, mas que também permite circular de um texto ao outro. O grupo de signos deste tipo, que permitem sair do texto, ou aceder a outro documento são chamados *signes passeurs* (Davallon; Jeanneret, 2004).

A maneira como a escrita virtual é vista, ou como os signos são apresentados na página web constitui a imagem do texto. Sua configuração deriva de uma combinação de fatores relacionados ao formato, a maquete, a organização textual, a autoria, entre outros, que dizem respeito à enunciação editorial (Suchier; Jeanneret, 1999).

Com relação a produção e disponibilização dos textos *online*, faz necessário observar igualmente o trabalho de escrita e formatação anterior a publicação, e sua materialidade inscrita através do suporte pelo qual podemos concebê-lo. Trata-se nesse caso do papel dos *arquitextos* (Suchier, 1998) como suporte à escrita, à edição e à visualização do texto, os quais segundo Bonaccorsi (2013, p.134)

*comportent une logique énonciative puisqu'ils organisent les conditions même de la communication. On peut en cela considérer l'architexte comme un niveau du dispositif énonciatif, c'est-à-dire l'ensemble qui relie le substrat matériel et technique de la communication et les formes langagières et énonciatives.*⁹

Na esteira destas reflexões, alguns estudiosos defendem a ideia de que “le sémiotique, le technique et le social sont présents aussi bien dans la pratique des sujets sociaux que dans les objets culturels et médiatiques”¹⁰ (Davallon, Noël-Cadet, Brochu, 2003, p.57). Destaca-se, igualmente, a função dos *arquitextos* (Jeanneret; Suchier, 1999) enquanto mecanismos que delimitam o

9 Em livre tradução: “comporta uma lógica enunciativa, pois organiza as próprias condições da comunicação. Nisto podemos considerar o *arquitexto* como um nível do dispositivo enunciativo, ou seja, o conjunto que conecta o substrato material e técnico da comunicação e as formas linguística e enunciativa”.

10 Em livre tradução: “a semiótica, a técnica e o social estão presentes tanto na prática dos sujeitos sociais quanto nos objetos culturais e midiáticos”.

processo de escrita, configuram a imagem do texto e prescrevem as modalidades de sua apreensão. Ferramentas como os *softwares* de edição textual (*Word, OpenOffice*), de criação e edição de *websites* (*Dreamweaver, Frontpage*), entre outros, funcionam como mediadores na concepção do texto virtual.

Através de *arquitextos* (Jeanneret; Suchier, 1999), como os motores de pesquisa (*yahoo, google, bing* etc.), recursos informáticos que permitem a existência e a visibilidade dos textos digitais, certas páginas são sistematicamente anunciadas como primeira opção de busca (sistema de anúncio pago e de referência hierarquizada) centralizando e direcionando as pesquisas realizadas.

Este ato de interpretação e qualificação dos textos é definido por Jeanneret (2008) como *predileção semiótica*. A operação de leitura se faz através do reconhecimento dos signos que formam o texto digital, os quais, por sua vez, fazem parte de nossa memória social.

A escrita planejada, a intencionalidade, e a própria predileção semiótica por trás da concepção dos *sites web* e dos dispositivos digitais torna possível, conseqüentemente, à manipulação dos usos, das práticas sociais, face a tais mídias.

*Un bouton n'est jamais simplement actionnable : il y a déjà du sens [...] de l'usage, dans l'écriture des objets médiatiques : ce qui interroge sérieusement sur ce qui est manipulé. Ainsi, il est impossible de dissocier la manipulation de l'interprétation, car les machines suggèrent la pratique sociale –elles mettent à disposition du sens –, et nous réinvestissons et réinventons sans cesse les modèles de communication et d'action qui nous sont proposés.*¹¹ (TARDY ; JEANNERET, 2007, p.24).

11 Em livre tradução: “Um botão nunca é simplesmente acionável: já existe um sentido, o uso [...] na escrita dos objetos midiáticos: o que questiona seriamente sobre aquilo que é manipulado. Assim, é impossível dissociar a manipulação da interpretação, porque as máquinas sugerem a prática social - elas fornecem significado - e estamos constantemente reinvestindo e reinventando os modelos de comunicação e ação que nos são oferecidos”.



Atenta-se igualmente para o fenômeno da circulação dos textos digitais na web e suas possíveis apropriações, reescritas, ressignificações. Podemos falar de uma economia da circulação (Bonaccorsi, 2013) à medida em que a escrita midiática virtualizada ganha uma dimensão (em volume, conteúdo, número de produções e reproduções) e um alcance (acesso ilimitado, a escala mundial) incomparáveis, e por vezes incontroláveis.

On assiste principalement à un autoréférencement médiatique, le discours rapporté ou la citation (notamment par un signe passeur non introduit ou commenté) provenant principalement de documents web (Facebook, Dailymotion, blogs etc.). La pratique de l'intertexte est ainsi intégrée dans l'architexte qui prévoit le détachement d'un fragment.¹² (Bonaccorsi, 2013, p.136).

A circulação das práticas sociais semiotizadas, ou transformadas em signos: como as práticas dos usuários se transformam em signos e circulam na web, por exemplo os comentários nas páginas web, vinculadas ao *Facebook* ou ao *Twitter* (partilhar, comentar etc.).

Torna-se, portanto, evidente o papel dos *architextos*, condicionando e influenciando a busca por informações na web, apresentando de forma hierarquizada os resultados e favorecendo a visibilidade dos sites de anunciantes pagos, ou das páginas amplamente acessada/referenciadas (como é o caso do *Wikipedia*).

Para Davallon (2012, p.29-30)

le développement d'outils logiciels contribuait à industrialiser la production des sites (en

relation avec une évolution des langages et des formats). Une des conséquences de cette industrialisation est la migration des codes de composition (typographie, mise en page, etc.) vers les écritures formelles¹³.

Como resultante, as práticas de escrita tradicional são afetadas pelos códigos e formatos adotados pelo virtual. Mas também as mídias digitais são moldadas e influenciadas pelas práticas associadas à escrita, o que leva alguns autores a definirem a digital/virtual como escrita, isto é, o ciberespaço como lugar de emergência de novas formas materiais, textuais e simbólicas do capitalismo que moldam as relações sociais na atualidade, agora mediadas pelas mais variadas telas (Souchier et al. 2019).

4. Escrita em mutação e novas (outras) lógicas de apropriação textual

Entre as potencialidades das mídias digitais, Jeanneret (2012a) salienta integração e enriquecimento da escrita, em suas diferentes dimensões. A escrita, ou o desenvolvimento das formas escritas, influenciaram a concepção das mídias digitais (digitação linear, edição e formatação dos documentos em estruturas semelhantes a folhas de papel etc.), mas também as mídias têm influenciado a forma como escrevemos, lemos e nos relacionamos com a escrita (uso de computadores e de editores de texto, estereotipagem das produções textuais etc.).

O fato de a escrita na era digital assumir traços semelhantes aos das formas de comunicação primitivas, tais como as observadas pelo antropólogo Jack Goody em sua análise dos dispositivos ancestrais de linguagem (pré-escrita) entre os povos primitivos, como, por exemplo, o recurso aos pictogramas e ideogramas, conduz Jeanneret (2008) a afirmar a existência de uma “mediação

12 Em livre tradução: “Estamos testemunhando principalmente um autoreferenciamento midiático, o discurso indireto ou a citação (em particular por um signo de passagem não introduzido ou comentado) proveniente principalmente de documentos da web (Facebook, Dailymotion, blogs etc.). A prática do intertexto é, assim, integrada ao architexto que prevê o destaque de um fragmento”.

13 Em livre tradução: “o desenvolvimento de ferramentas de software contribuiu para industrializar a produção de sites (em relação à evolução de linguagens e formatos). Uma das consequências dessa industrialização é a migração de códigos de composição (tipografia, paginação etc.) para as escritas formais”.



memorial” que repousa sob as mídias digitais.

Isso porque os dispositivos de comunicação atuais, sobretudo os digitais, se apoiam ou se inspiram em práticas sociais de nossos antepassados, que após sucessivas evoluções culminam em formas instituídas como as vemos hoje. Como exemplo, evoluiu-se da escrita nas pedras, rochas, paredes, às tábuas, posteriormente aos papiros, em seguida às folhas, livros, com o advento da impressão, e atualmente as telas dos computadores (*tablets, smartphones, etc.*) ainda dispostos de forma quadrada ou retangular com inscrições horizontalmente dispostas. Nesse sentido, salienta Jeanneret (2008), o traço escrito (as marcas desta escritura) deve ser observado como uma enunciação, onde são operadas escolhas diante de um dado contexto.

Pode-se, com isso, afirmar que as mídias digitais prescrevem nossas práticas sociais. Elas alteram as formas de leitura, escrita e apreensão textual, tanto quanto tais práticas afetam a produção e desenvolvimento de novas mídias ou ferramentas que se adaptem as nossas necessidades.

il faut tenir compte de plusieurs types de réalités : la matérialité et la technicité du support informatique, la complexité des formes écrites qu'il a intégrées et déployées, mais aussi les conceptions de ce qu'est écrire et lire qui ont accompagné son développement¹⁴ (Jeanneret, 2012a, p.395).

A escrita, e em especial o texto, tem sua materialidade alterada através dos suportes digitais, modificando sua existência (do impresso ao virtual) mas também sua experiência (visualização parcelar, não-linear, mediada por um dispositivo informático).

Dessa forma, o texto digital não é desmaterializado “mais il perd son caractère d'objet

14 Em livre tradução: “é preciso considerar vários tipos de realidade: a materialidade e a tecnicidade do suporte informático, a complexidade das formas escritas que ele integrou e desenvolveu, mas também as concepções do que é escrever e ler, que acompanharam seu desenvolvimento”.

individualisé et devient un événement, réitéré à la demande par le geste de lecture gesticulée qui le requiert, sollicitant la procédure machinique¹⁵” (Jeanneret, 2012a, p.398). O autor fala em uma dupla materialidade que caracteriza a escrita digital, isto é, uma dimensão física, relativa ao suporte que lhe permite a exibição na tela, e outra semiótica, que remete à sua visualização (dimensão visual).

Com relação as evoluções e mudanças nas práticas ligadas à escrita, face às mídias digitais, Jeanneret (2012a, p.400) salienta

on peut décrire certaines tendances de fond qui, sans être irréversibles, se sont fortement affirmées ces derniers temps, parce qu'elles correspondent à la fois à des choix techniques et à des ressources politiques et économiques : l'idéal de dissociation entre forme et contenu, la reconfiguration des rapports entre acteurs de l'écrit, la mise à l'écritures des pratiques et la désingularisation des formes documentaires¹⁶.

Observa-se uma prevalência ou homogeneização dos formatos de escrita e edição textual na web, conduzindo a uma predileção semiótica (Jeanneret, 2014), mediado pelas mídias e instrumentos digitais (arquitextos) e influenciada pela crescente industrialização das práticas sociais.

Como reflexo, observa-se uma uniformização na forma de escrever e transmitir as informações, moldada pelos programas de edição e de publicação digitais. Os sites seguem um padrão de formatação, e sua distinção entre categorias (chat, blog, site, rede social) e gênero (notícia, diversão, científico etc.) se dá através desta formatação

15 Em livre tradução: “mas ele perde seu caráter de objeto individualizado e se torna um evento, reiterado sob demanda pelo gesto de leitura gesticulado que o requer, que solicita o procedimento machínico”.

16 Em livre tradução: “podemos descrever certas tendências básicas que, sem serem irreversíveis, têm se firmado fortemente nos últimos tempos, porque elas correspondem tanto a escolhas técnicas quanto a recursos políticos e econômicos: o ideal de dissociação entre forma e conteúdo, a reconfiguração das relações entre os atores da escrita, o cenário da escrita das práticas e a dessingularização das formas documentais”.



semioticamente pré-estabelecida e reconhecida socialmente (através dos signos textuais, iconográficos, semióticos).

*Le triomphe général de l'image du texte se fait en effet sur une double base opérationnelle : projection dans tous les secteurs de l'information et de la communication des mêmes formats textuels, maximisation des modes de circulation entre ces textes et, par eux, entre les modes culturels, politiques, marchands de l'échange*¹⁷ (Jeanneret, 2012a, p.401).

A leitura e a apropriação do texto virtual pressupõem uma lógica própria, um reconhecimento do quadro de leituras e das ferramentas próprias às mídias digitais, da mesma forma é possível conceber um ato de leitura, uma gestual que permite a leitura-escrita através de tais mídias.

A escrita torna-se objeto e ferramenta das mídias digitais, pois serve à operacionalização dos processos textuais (redação), mas também forma parte da estrutura que determina o funcionamento de tais mídias (linguagem informática). Para Davallon *et al.* (2003, p.25) “les médias informatisés sont ainsi définis comme des ‘machines textuelles’ auxquelles on accède et que l'on manipule à travers et par l'écriture¹⁸”.

Quando o texto se transporta do papel à tela digital não altera-se apenas o seu suporte de escrita, mas também a forma como escrevemos, concebemos tal texto e, conseqüentemente, como iremos nos relacionar com ele. Existe uma dinâmica própria ligada à escrita, à leitura e à circulação dos textos virtuais.

Na concepção de Davallon *et al.* (2003) a escrita é entendida como um meio de expressão, de comunicação, dotado de uma realidade material, visual e linguística que a torna legível e visível. Isto é, leva-se em conta a dimensão material, grá-

fica e visual da escrita e reconhece-se a importância e as implicações destes elementos sob a forma em que apreendemos os textos.

As mídias digitais são vistas como uma tecnologia social pois,

*l'organisation de l'espace qu'ils mettent en scène passe par l'écriture (« l'écrit d'écran ») et le « texte » (« le texte de réseaux ») et suppose des objets porteurs de signes, saisis par des interprètes et non simplement des instruments dotés d'un cadre de fonctionnement t mis en œuvre, d'une façon ou d'une autre, par des utilisateurs*¹⁹. (Davallon, Noël-Cadet, Brochu, 2003, p. 34).

Dessa forma, a fim de analisar os dispositivos técnicos, tais que as mídias digitais, faz-se necessário considerar as dimensões logico-computacional (técnica) e escritural (semiológica) que se configuram a partir das práticas de “uso” e de interação com os dispositivos.

Reforça-se aqui o termo “uso”, comum na linguagem informacional, arquivística e sobretudo computacional, e salienta-se a distinção estabelecida por Jeanneret (2008) entre prática e uso, a qual considera-se pertinente e necessária para um estudo concebido em ciências da informação e da comunicação

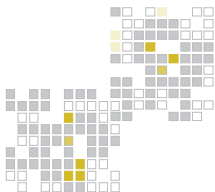
*l'usage est un élément de la pratique culturelle, celui qui concerne les situations où les sujets sociaux sont confrontés à des dispositifs conçus par d'autres qu'eux. Il n'y aurait donc pas, pour moi, des usages de l'information, mais plutôt des pratiques informationnelles*²⁰ (Jeanneret, 2008, p.44).

19 Em livre tradução: “a organização do espaço que eles apresentam envolve a escrita (“escrita de tela”) e o “texto” (“o texto de rede”) e supõe objetos portadores de signos, apreendidos por intérpretes e não simplesmente instrumentos dotados de uma estrutura operacional implementada, de uma maneira ou de outra, pelos usuários”.

20 Em livre tradução: “o uso é um elemento da prática cultural, que diz respeito a situações em que os sujeitos sociais são confrontados com dispositivos projetados por outros que não eles. Portanto, não haveria, para mim, usos da informação, mais bem práticas informacionais”.

17 Em livre tradução: “O triunfo geral da imagem do texto se faz efetivamente sob uma dupla base operacional: projeção em todos os setores de informação e comunicação dos mesmos formatos textuais, maximização dos modos de circulação entre esses textos e, por eles, entre modos de troca culturais, políticos e comerciais”.

18 Em livre tradução: “as mídias informatizadas são, portanto, definidas como “máquinas textuais”, as quais acessamos e manipulamos através da escrita”.



Ou seja, é preciso observar os dispositivos técnicos inseridos no contexto das práticas informacionais, submetidas a um processo comunicacional que lhe torna apreensível aos usuários, graças a uma interface que permite a mediação entre texto e leitor.

Para Davallon *et al.* (2003) essa mediação pode indicar uma certa “manipulação” ou “pré-formação” dos modos de uso do dispositivo (e, consequentemente, de apreensão do texto), graças aos formatos, natureza dos dispositivos, quadros de edição e de enunciação editorial, entre outros, que podem ser observados considerando três espaços de análise: 1) o objeto técnico instituído como mídia; 2) a formatação do processo de comunicação pela mídia; e 3) a maneira como os usuários se apropriam dos dispositivos (Davallon, Noël-Cadet, Brochu, 2003, p.35).

Observa-se, com isso, que a teoria da enunciação editorial (Souchier, 1998) bem como os demais estudos que dela decorrem (Jeanneret, 2008; 2010; Bonnacorsi, 2013, Tardy, 2007) apresentam-se como perspectiva instigante à investigação sobre as condições de existência - produção, circulação, apreensão, conservação - dos textos no contexto atual, especialmente no cenário digital. Ressalta-se, igualmente, a contribuição de tais estudos à reflexão sobre as lógicas de produção midiática, que condicionam as formas de escrita e os modos de apropriação do texto e passam a estar naturalizadas em nossas vidas, em nossas práticas sociais midiáticas.

Considerações finais

A expansão das mídias digitais e a inserção de objetos e práticas ligadas à web na sociedade atual modificam nossa forma de interagir com os

outros e de experimentar o mundo. Como consequência, nossa relação com o texto na atualidade - a forma como buscamos escrever, ler, pesquisar e aprender - não se restringe mais ao universo das bibliotecas físicas e dos acervos materiais, mas, passa agora também (e talvez principalmente) pelos dispositivos digitais e pelo horizonte virtual, atemporal e assíncrono da *web*.

O texto na esfera digital passa a ser observado como um objeto técnico e textual, isto é, reconhecendo sua materialidade e a sua complexa composição poli-semiótica -imagens, ícones, palavras etc. - (Jeanneret *et al.*, 2003, p.96). Dessa forma, a escrita virtual configura uma modalidade de texto específica, um objeto composto, no qual o suporte, as modalidades de escrita e enquadramento, e diferentes signos se conjugam na formação do “texto virtual”.

A escrita na web segue procedimentos e padrões muito semelhantes àsquelas do livro. Ele é um objeto material, comunicacional, condicionado e influenciado por seu suporte, mas também pelas regras de organização que regem a sua escrita. Os textos são intencionalmente construídos, portanto as escolhas efetuadas na sua escrita respondem aos interesses e condições de leitura, acesso e apreensão pré-estabelecidos, que podem ser observadas pela perspectiva aqui ressaltada da enunciação editorial (Souchier, 1998).

Finalmente, as mutações na escrita e nas modalidades de apreensão, circulação e conservação dos textos digitais fazem emergir novas formas de memória, ou de memorização textual, documental e arquivística, possibilitadas a partir do advento do *world wide web* e da expansão das mídias digitais, suscitando perspectivas outras de análise dos textos na atualidade, face ao digital.

Referências

BARATS, Christine (Dir.). **Manuel d'analyse du web en sciences humaines et sociales**. Paris : Armand Colin, 2013.

BARBE, Lionel. Mutations des frontières de la connaissance à l'heure du Web 2.0. **Revue Hermès**, CNRS Editions n° 64, septembre 2012; p.169-174. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00759915/document> . Acesso em: 15 mai 2020.

BARTHES, Roland. *Théorie du texte*. 1974. Disponível em: http://www.psychanalyse.com/pdf/THEORIE_DU_TEXTE_ROLAND_BARTHES.pdf Acesso em: 20 mai 2020.

BONACCORSI, Julia. *Approches sémiologiques du web*. In : BARATS, Christine (Dir.). **Manuel d'analyse du web en sciences humaines et sociales**. Paris : Armand Colin, 2013, p.125-141.



- DAVALLON, Jean. Pourquoi considérer l'exposition comme un média? *Revue Médiamorphoses*, INA, n.9, 2003, p.27-30. Disponible em: <http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/23192> Acesso em: 05 mai 2020.
- DAVALLON, Jean, JEANNERET, Yves. La fausse évidence du lien hypertexte. *Communication et langages*, n°140, 2ème trimestre 2004. pp. 43-54. Disponible em: < https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2004_num_140_1_3266?pageid=t1_47> Acesso em: 22 mai 2020.
- DAVALLON, Jean. Du numérique pour la culture à la culture numérique? *Anais da 2ª Jornada Científica Internacional da Rede Mussi*, 2012, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informação, 2012, p. 21-38.
- DAVALLON, Jean ; DESPRÉS-LONNET, Marie ; JEANNERET, Yves ; LE MAREC, Joëlle ; SOUCHIER, Emmanuël. Introduction. In: SOUCHIER, Emmanuël ; JEANNERET, Yves ; LE MAREC, Joëlle (Dir). *Lire, écrire, récrire. Objets, signes et pratiques des médias informatisés*. Paris : BPI - Bibliothèque publique d'information, 2003, p. 19 – 43.
- DAVALLON, Jean; NOËL-CADET, Nathalie; BROCHU, Daniel. L'usage dans le texte : les « traces d'usage » du site Gallica. In : SOUCHIER, Emmanuël ; JEANNERET, Yves ; LE MAREC, Joëlle (Dir). *Lire, écrire, récrire. Objets, signes et pratiques des médias informatisés*. Paris : BPI - Bibliothèque publique d'information, 2003, p.45-90.
- DESPRES-LONNET, Marie ; COTTE, Dominique. Nouvelles formes éditoriales en ligne. *Communication et langages*, n.154, 2007, pp. 111-121. Disponible em : < https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2007_num_154_1_4694 > Acesso em: 20 mai 2020.
- GODOY, Karla Estelita . Ciberespaço e Memória. In: Icléia Thiesen Magalhães Costa; Evelyn Goyannes Dill Orrico. (Org.). *Memória, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002, p. 47-55.
- GOODY, Jack. *La raison graphique*. La domestication de la pensée sauvage. Les Editions de Minuit, 1979.
- JEANNERET, Yves. Écriture et médias informatisés. In : CHRISTIN, Anne-Marie (Dir.). *Histoire de l'écriture. De l'idéogramme au multimédia*. Paris : Flammarion, 2012a, p.395-402.
- JEANNERET, Yves. La relation entre médiation et usage dans les recherches en information-communication. *Anais do I Colóquio Mediações e usos de saberes e informação: Um diálogo França-Brasil-Rede MUSSI*, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008, p.37-57.
- JEANNERET, Yves. Analyser les 'réseaux sociaux' en tant que dispositifs info-communicationnels : une problématique. Rio de Janeiro, 2012b. *Anais da 2ª Jornada Científica Internacional da Rede MUSSI*. Rio de Janeiro, 24-26 out. 2012, p.39-57.
- JEANNERET, Yves. Des harmoniques du web : espaces d'inscription et mémoire des pratiques. *MEI*, 32, 2010, p.31-39.
- JEANNERET, Yves; SOUCHIER, Emmanuël. Pour une poétique de l'écrit d'écran. *Joana - Images et sciences sociales*, n. 6, 1999.
- JEANNERET, Yves ; PATRIN-LECLERE Valérie. La métaphore du contrat. *Revue Hermès*, 1, 2004 pp.133-140.
- JEANNERET, Yves ; SOUCHIER, Emmanuël. L'énonciation éditoriale dans les écrits d'écran. *Communication et langages*. N.145, 3ème trimestre 2005. pp. 3-15. Disponible em: < https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2005_num_145_1_3351> Acesso em: 20 mai 2020.
- JEANNERET, Yves *et al.* Formes observables, représentations et appropriation du texte de réseau. In : SOUCHIER, Emmanuël ; JEANNERET, Yves ; LE MAREC, Joëlle (Dir). *Lire, écrire, récrire. Objets, signes et pratiques des médias informatisés*. Paris: BPI - Bibliothèque publique d'information, 2003, p.93-158.
- PIGNIER, Nicole. De l'Internet à la mémoire humaine. *MEI*, 32, 2010, p.7-13.
- RICOEUR, Paul. Expliquer et comprendre. Sur quelques connexions remarquables entre la théorie du texte, la théorie de l'action et la théorie de l'histoire. *Revue philosophique de Louvain*, 1977, vol. 75, no 25, p. 126-147
- RICOEUR, P. *Du texte à l'action*. Paris: Ed. du Seuil, 1986.
- SOUCHIER, Emmanuel; CANDEL, Etienne; GOMEZ-MEJIA, Gustavo. *Le numérique comme écriture: Théories et méthodes d'analyse*. Paris: Armand Colin Editeur, 2019, 360p.
- SOUCHIER, Emmanuël. L'écrit d'écran, pratiques d'écriture & informatique. *Communication et langages*, n.107, 1er trimestre 1996, pp. 105-119. Disponible em: < https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_1996_num_107_1_2662> . Acesso em: 22 mai. 2020.
- _____. L'image du texte pour une théorie de l'énonciation éditoriale. *Les cahiers de médiologie*. v.2, n.6, 1998, p. 137-145. Disponible em: < <https://www.cairn.info/revue-les-cahiers-de-mediologie-1998-2-page-137.htm>> Acesso em : 15 mai 2020.
- _____. Formes et pouvoirs de l'énonciation éditoriale. *Communication et langages*, n.154, 2007. pp. 23-38. Disponible em: https://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_2007_num_154_1_4688?pageid=t1_23 . Acesso em: 10 mai 2020.
- SOUCHIER, Emmanuël ; JEANNERET, Yves ; LE MAREC, Joëlle (Dir). *Lire, écrire, récrire. Objets, signes et pratiques des médias informatisés*. Paris : BPI - Bibliothèque publique d'information, 2003.
- TARDY, Cécile ; JEANNERET, Yves ; HAMARD, Julien. L'empreinte sociale d'un outil d'écriture : PowerPoint chez les consultants. In: TARDY, Cécile ; JEANNERET, Yves. (Dir). *L'écriture des médias informatisés espaces de pratiques*. Paris : Hermes Lavoisier, 2007, p. 141-171.
- TARDY, Cécile ; JEANNERET, Yves. (Dir). *L'écriture des médias informatisés espaces de pratiques*. Paris : Hermès/Lavoisier, 2007.